

O QUE SERIA UMA REVOLUÇÃO

UM amigo estranha que eu escreva sempre Revolução com R maiúsculo, ao me referir a essa coisa que está aí. Reconheço que não é correto; mas é cómodo. Meu amigo tem razão. seria mais sensato escrever "Revolução" entre aspas; mas as aspas, repetidas diariamente, valeriam por um *parti-pris*, um adjetivo pejorativo; e quando eu designo esse estado de coisas — esse cambiante, mas monótono estado de coisas — eu quero apenas designá-lo, e não adjetivá-lo ou comentá-lo; se entender de fazer isso, eu o farei ao longo da frase, com palvaras, não com simples sinais gráficos. Enfim, uso, para designar a coisa, a palavra que os donos da coisa costumam usar. E' bom que a gente se entenda a respeito das palavras, já que se desentende sôbre o resto.

Por que não dizer: a ditadura, ou a Ditadura? Alguns rapazes fazem isso, mas eu não sou rapaz: passei a melhor parte de minha mocidade sob uma ditadura. Tinha muitas coisas parecidas com essa coisa que está aí; mas, se querem que eu fale com franqueza, era pior. E é curioso, essa Revolução (deixem-me falar assim) me lembra em algumas coisas o Estado Nôvo, mas também em algumas coisas a República Velha; não quero fazer um paralelo entre a ARENA e os Partidos Republicanos, nem entre o marechal Castelo Branco e o presidente Washington Luís; mas há parecências.

Ficaria comprido explicar isso, e não me interessa. Prefiro dizer porque não consigo sentir que a Revolução seja uma revolução mesmo, já não digo uma revolução social (seria pedir muito), mas uma revolução política ou de costumes políticos, capaz de dar um tónus nôvo à vida política nacional, de acender esperanças, de atrair os jovens, de suscitar abnegações — de criar esse ambiente de entusiasmo, essa vontade de melhorar, essa determinação viril de andar para a frente, de superar os vícios e cacoezes da eterna politicagem, essa insatisfação criadora, essa ambição sagrada — em suma, essa revolução dos espíritos, necessária para a Nação apertar o motor de arranco, dar a partida!

Não existe nenhuma revolução porque o grupo dominante continua a fazer política desconfiada e mesquinha de outros grupos dominantes do passado, muito cioso de sua autoridade, pensando muito em termos de tática e estratégia mas não fazendo movimentos mais amplos que os de um velho papagaio prêso a uma corrente e ainda mais prêso mentalmente ao seu próprio puleiro.

Vejam esse caso do Rio Grande do Sul. O que seria mesmo uma revolução, uma corajosa, autêntica revolução, seria o Governo destruir o que considera manobra da oposição adotando o candidato lançado por esta. Se êle é julgado o

melhor — parece claro e indiscutível que o povo gaúcho pensa assim — o que seria revolucionário, seria mentalidade nova de verdade, seria política alta e boa de verdade, revolução de verdade, seria dizer: "certo, o homem é êsse!" Já imaginaram o choque cívico e emocional que uma atitude dessas produziria?

Revolução seria isso. Revolução seria o presidente da República, no lugar de engolir o candidato à sucessão impôsto pelas circunstâncias político-militares, consultar a opinião brasileira através de um ibope qualquer, tôda a opinião, tanto a fardada como a paisana, tanto a patronal como a operária, tanto a direita como a esquerda, e no fim aparecer com um nome capaz de ser aceito realmente pela maioria — não pela maioria dos coronéis nem dos deputados, mas pela maioria do povo e dos homens de bem — incluindo os deputados e coronéis — e ser aceita com uma esperança no coração, não como um simples mal menor. Vamos supor: o sr. Carvalho Pinto!

(Estou apenas fazendo uma suposição; estou apenas mostrando o que me parece seria de verdade uma revolução, que não precisaria de R maiúsculo para sacudir as almas e tocar a vaca para fora do brejo. Direis que o Braga não entende de política. Entendo, sim, o que acontece é que enjoei de entender essa política).